

## DOSSIÊ / DOSSIER

Gênero: uma abordagem  
necessária para a gestão das águas*Gender: a necessary approach to water management*Carlos Hiroo Saito<sup>a</sup>  
Daniela Nogueira<sup>b</sup>  
Editores do Dossiê

doi:10.18472/SustDeb.v8n3.2017.28093

A Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu para o decênio 2018-2028 a nova Década Internacional para Ação “Água para o Desenvolvimento Sustentável” (Assembleia Geral/Resolução: A/RES/71/222), iniciando-a no dia Mundial da Água em 22 de março de 2018, e terminando no Dia Mundial da Água em 22 de março de 2028.

A Resolução determina que os objetivos da Década devem ter foco maior no desenvolvimento sustentável e na gestão integrada dos recursos hídricos, e que esses objetivos devem ser perseguidos através da melhoria da geração e disseminação do conhecimento, facilitando o acesso ao conhecimento e o intercâmbio de boas práticas.

Obviamente um dossiê temático relacionado à água numa revista científica dedicada ao debate da sustentabilidade se enquadra na disseminação do conhecimento. No entanto, de que conhecimento estamos falando?

Problemas relacionados à quantidade e qualidade da água vêm afetando os mais diferentes setores a sociedade. Relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) divulgado em julho de 2017 informou que cerca de três em cada dez pessoas em todo o mundo — correspondendo a um total de 2,1 bilhões de pessoas — não têm acesso à água potável em casa. Dessas 2,1 bilhões de pessoas que não possuem água gerenciada de forma segura, 844 milhões não têm nem um serviço básico de água potável, sendo que cerca de 263 milhões de pessoas precisam gastar mais de 30 minutos por viagem para coletar água de fontes distantes de casa e aproximadamente 159 milhões ainda bebem água não tratada de corpos de água superficiais, como córregos ou lagos.

Se por um lado, a fragilidade na garantia ao acesso à água em diferentes regiões do mundo pode ser dita como estando associada a uma escassez crônica de disponibilidade de água por motivos climáticos e de modelado terrestre, há vozes que somam a esses fatores a injustiça social e a desigualdade econômica, cultural e educacional no acesso e controle de recursos, infraestrutura e tecnologia.

<sup>a</sup> Professor Titular do Centro de Desenvolvimento Sustentável e do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, end. Eletrônico: [carlos.h.saito@hotmail.com](mailto:carlos.h.saito@hotmail.com)

<sup>b</sup> Pesquisadora de Pós-Doutorado no Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, end. Eletrônico: [danielanogueiracds@gmail.com](mailto:danielanogueiracds@gmail.com)

Outros, destacam ainda a necessidade de acolher uma perspectiva de gênero no debate sobre a gestão e o uso da água, como um possível caminho para a formulação de políticas governamentais mais inclusivas, com resultados mais efetivos e com vistas a um desenvolvimento democrático sustentável enraizado nas diversas realidades de cada território.

E é nesse contexto, também em convergência com os dados da OMS e UNICEF, que a Revista Sustentabilidade em Debate apresenta, nesse último número de 2017, um Dossiê temático sobre Água e Gênero. A articulação entre esses dois temas nos permite discutir questões centrais da gestão de recursos hídricos como é o caso do abastecimento e saneamento, agricultura, meio ambiente, mudanças climáticas e resíduos sólidos, entre outros.

A atualidade do tema levou inclusive à realização, de 25 a 27 de outubro de 2017, de um workshop Construindo uma Agenda de Água e Gênero para o Brasil e para a América Latina, organizado pela Agência Nacional de Águas (ANA), pela Parceria Global pela Água (GWP) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), como um evento preparatório para o 8º Fórum Mundial da Água.

Um vídeo muito curto sobre a presença de uma mulher africana de nome Siabatou Sanneh, que vive em Gambia, e participou da Maratona de Paris em 2015 com um balde de água de 20 kg na cabeça e uma placa que dizia “Na África, mulheres percorrem essa distância, todos os dias, para ter acesso à água potável” ganhou notoriedade na rede mundial de computadores, sob os auspícios da organização Water for Africa, em parceria com a agência Ogilvy Paris. A ação permitiu arrecadar donativos para que a organização Water for Africa construísse cinco poços artesianos na região onde ela mora. O feito de Siabatou Sanneh mostrou ao mundo que a distância percorrida na maratona de Paris, para os quais muitos corredores se preparam especialmente para correr apenas uma vez por ano, é enfrentada diariamente por milhares de pessoas – não por esporte, mas sim para sobreviver - principalmente mulheres e meninas, uma vez que nas mais diversas culturas são elas as responsáveis por prover a água para o abastecimento doméstico.

No entanto, a face oculta desse fato que relaciona gênero e água, penoso por si, reside na exposição dessas mulheres à violência, e a contração de doenças sexualmente transmissíveis em decorrência de ataques no percurso. Também começa a ser debatido o tempo que essa atividade rouba do dia-a-dia dessas mulheres, impedindo-as de estudar ou de desenvolver outras atividades que auxiliem no incremento da renda doméstica. Ou seja, há uma profunda interrelação entre o acesso à água, e outros objetivos do milênio (ODM), como: 1 - Acabar com a fome e a miséria; 2 - Oferecer educação básica de qualidade para todos; 3 - Promover a igualdade entre os sexos e a autonomia das mulheres; 4 - Reduzir a mortalidade infantil; 5 - Melhorar a saúde das gestantes. Da mesma forma, a água apresenta grande interface com o conjunto dos objetivos do desenvolvimento sustentável (ODS), a começar pelos quatro primeiros, mais próximos dos ODM: Objetivo 1. Acabar com a pobreza em todas as suas formas, em todos os lugares; Objetivo 2. Acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável; Objetivo 3. Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades; e Objetivo 4. Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Mesmo quando se fala na universalização do saneamento básico, presente no Objetivo 6 dos ODS, é importante que a perspectiva de gênero seja incorporada, com a implantação de banheiros separados nas escolas para meninos e meninas, porque tem-se chegado à conclusão que muitas meninas não frequentam a escola porque não há saneamento adequado. Portanto, ainda que se registre avanços globais na área de saneamento básico, ainda estamos longe do acesso universal ao saneamento e as mulheres e as meninas ainda são as mais afetadas.

No entanto, o debate em torno da interface água e gênero é muito mais amplo do que estes fatos que se tornaram mais conhecidos, inclusive da opinião pública. E é em função dessa amplitude que propusemos esse Dossiê temático sobre água e gênero.

É oportuno dizer também que este dossiê temático se inscreve no rol de atividades no âmbito da parceria entre o Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília e a *Global Water Partnership-GWP*, à qual a primeira é filiada.

O Dossiê buscou trazer para os leitores um conjunto de textos que permitissem situar metodologicamente e epistemologicamente esse campo de saber a partir de uma visão panorâmica internacional do debate sobre o tema, e também permitissem compartilhar experiências nacionais e internacionais, de modo que o leitor pudesse ter um panorama dessas experiências e entender como a dimensão de gênero pode agregar valor ao uso sustentável e à gestão de recursos hídricos. Ao todo, o dossiê temático soma quatro artigos e uma entrevista.

Na entrevista com Alice Bouman, destacada especialista no tema, uma das questões importantes trazidas por ela é a ideia de que a integração do gênero na gestão da água não se trata simplesmente de discutir a necessidade da presença de indivíduos profissionais de diferentes gêneros, porque a simples paridade entre os profissionais da água não conduz necessariamente a uma gestão da água sensível à temática de gênero.

Alice nos traz, em sua entrevista, que as diferenças culturalmente específicas entre mulheres e homens variam entre idade, etnia ou estratos sociais; e uma das coisas importantes de se prestar atenção é que resultam em diferenças de forma social que por sua vez levam a papéis de gênero distintos e relações de poder desiguais que influenciam o acesso e o controle sobre a água para usos domésticos e produtivos. Esta entrevista foi especialmente preparada pelos editores do Dossiê para trazer aos leitores reflexões de ordem geral sobre o tema e o porquê de sua centralidade.

Os artigos trazem experiências nacionais e internacionais, que permitem a análise em torno de eixos comuns que caracterizam a centralidade da temática em nível global, porém mediadas por características culturais próprias, locais e regionais.

No Brasil, o artigo de Daniela Nogueira analisa a contribuição do Programa Um Milhão de Cisternas enquanto política de gênero e sua estratégia de adaptação para diminuir o impacto da seca na população mais vulnerável da região.

Ainda na América Latina, dois trabalhos provêm do México: o primeiro trabalho, de Laura Elena Ruiz Meza, traz reflexões sobre pesquisas e experiências em incorporar o enfoque de gênero na gestão de água na região de Chiapas, na porção sul do México. Ela analisa a forma de gestão setorial da água, qualificada pela autora como androcêntrica, e como essa forma de gestão conduz a uma situação de desigualdade no controle do acesso à água pelas mulheres. O segundo artigo vindo do México tem como autora Denise Soares, que busca refletir sobre a interação da tríade vulnerabilidade-gênero-risco de desastres, a partir de um estudo de caso no município de San Felipe, costa de Yucatán.

Finalmente, um artigo de Alice Bouman sobre as mulheres como agentes de mudança na interface água e saúde na Armênia e Ucrânia completa o Dossiê.